

na fazer o acompanhamento da gravidez. Assim foi se passando o tempo e Maria e Ros
ndo a volta. Têria que Retornar No 1º semestre de 2013, mas Não Retornei. D
n outro nome, isso depois de 40 dias e 40 noites viajando de navio
um beijo na cabeça, mostrando para todos que aquele menino de pele morena e
a que ele era muito novo e não deixaram ele fazer. Quando era adolescente, largou os estu
meu irmão que havia se machucado. Mas, o pior ainda estava por vir: meu
feita. Eu venci e venço qualquer obstáculo, pois sei onde quero chegar. M
e era tão jovem, ele tinha 17 Anos pouquinho mais velho, nós conversamos e ele se apaix
nferir. Eu, boba sem saber ou ao menos desconfiar de nada, pego no meio dos produtos un
Ziam que uma boa educação se começava em casa. Criaram os Nove filhos
mo... então, começou o quebra-quebra, a pancadaria. Muitos anos apanha
a hora de recomençar o que ficou guardado lá atrás. Voltou a estudar, trabalha é dona de
ilavras de otimismo com todos, não resistiu num procedimento cirúrgico naquele coração t
NÓS. Peço sempre muita luz e proteção a elas, por tudo que fizeram a NÓS.
ontar na maior cara de pau minhas facetas. Chegou a me dar banho de u
esta fase da vida com muitas derrotas e algumas vitórias, calejada pela vida e sinto qu
tem fragmentos de ossos na medula, fraturou a coluna em duas partes, deslocou a bacia e

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



tempo logo Maria se depara com o preconceito, pois Andresa era branca
das filhas do casal. Ela se chamava Maria Biondo e ali começou sua família.
espelho seu irmão que era Profissional. O menino tinha vontade de ter essa profissão tam
que eu. As brincadeiras eram bem divertidas e também havia muitas brigas entre nós do
muito pelo contrário, me fizeram acreditar mais ainda que as coisas mel
a e educada. Por morar sozinho na cidade, longe de seus pais, ele sofria muit
quis olhar um filme com elas, Graças a Deus. Sentado no sofá, elas se aconchegaram um
rea que eu gosto, mas nunca tive oportunidade em fazer. Era o penúltimo
raças a Deus que chegou o dia da alta. Com meu pequeno bebê no colo, eu
fomos aplaudidos por enfermeiros e auxiliares que cuidaram do Nosso pequeno
ngraçado chegar de madrugada e ver ela me esperando chegar da balac
anos atrás ela conseguiu a tão sonhada liberdade e com apoio dos dois filhos conseguiu
m, quinze dias após a formatura, aquela pessoa que mais incentivava a correr atrás de m
ta a estas três mulheres, pelo empenho, carinho, renúncias e amor dado a m
esses ali. Fomos para o céu e ao encontro do meu pai e contamos para a

Organizadoras
Suzana Trevisan
Patrícia Hammes Strelow

HISTÓRIAS

que merecem ser contadas



2020

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

Reitor

Flávio Luis Barbosa Nunes

Vice-Reitora

Adriane Maria Delgado Menezes

EDITORA IFSUL

Editor Executivo

Vinícius Martins

Conselho Editorial

Vinícius Martins (Presidente)

Alexandre Vergínio Assunção

Claudia Ciceri Cesa

Daniel Ricardo Arsand

Demetrius da Silva Martins

Glaucius Décio Duarte

Jian Marcel Zimmermann

Lucas Hlenka

Malcus Cassiano Kuhn

Marcus Eduardo Maciel Ribeiro

Ricardo Lemos Sainz

Editora IFSul

Rua Gonçalves Chaves, 3218 – 5º andar – sala 509

96015-560 – Pelotas – RS

Fone: (53) 3026.6094

editoraifsul@ifsul.edu.br

<http://omp.ifsul.edu.br>

© 2020 Editora IFSul

Coordenação editorial:
Glaucius Décio Duarte

Projeto gráfico e diagramação:
Patrícia Hammes Strelow

Capa:
Patrícia Hammes Strelow

Revisão técnica:
Suzana Trevisan



Ficha catalográfica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

H673 Histórias que merecem ser contadas [recurso eletrônico] /
organizadoras Suzana Trevisan, Patrícia Hammes Strelow. —
Pelotas : Editora IFSul, 2020.
59 p. : il. color.

Modo de acesso: World Wide Web: [http://omp.ifsul.edu.br/
index.php/portaleditoraifsul](http://omp.ifsul.edu.br/index.php/portaleditoraifsul)
ISBN 978-65-89178-00-2

1. Literatura. 2. Estudantes de educação de jovens e adultos. I.
Título. II. Trevisan, Suzana. III. Strelow, Patrícia Hammes.

CDU 82-32

Bibliotecária responsável: Vanessa Levati Biff — CRB 10/2454



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

Sumário

- 09 Apresentação | Suzana Trevisan
- 11 1994 | Andresa da Veiga Figueiredo
- 13 De Volta ao IFSul | Daiane de Lima
- 15 Uma linda história de amor ao próximo | Debora Clair Castro Sampaio
- 17 O Menino | Gislaine Machado
- 19 Sonho de um menino | João Pedro Chaves
- 20 Pé de Goiaba | Josiane Behenck
- 21 Quando tudo começou | Josiane Borges
- 22 Meu momento | Juliana Santos Moreira
- 23 A saudade | Lidianne da Rosa Leite
- 24 Exemplo de superação | Lisandra de Oliveira
- 26 Minha trajetória de vida | Márcia Farias Pereira
- 31 Não destruíram a minha existência | Mari Alberton
- 33 Recomeço | Maria do Carmo
- 33 O sonho que dói | Maria Eliege Arence de Souza
- 36 As três mulheres da minha vida | Maria Inês Machado da Silva
- 37 Minha história | Marilene Santos
- 42 Amizade que deixou saudades | Roselaine da Rosa Rodrigues
- 44 O sonho perfeito | Rosmari Guiomar Zitter
- 45 Felicidade: estado permanente de gratidão | Scheila Celina de Prate dos Santos
- 48 Voltei a estudar | Sirlei Leão
- 49 A Engraçada Tristeza | Suéllen Teresinha de Paula
- 51 Um Conto de Fé | Sunara Regina Allgayer
- 54 Minha trajetória no IFSul | Teresinha Alves Pereira Orłowski
- 55 O Dom da Vida | Vanusa Cristiane Almeida de Quadros Chaves
- 57 Pós-fácio | Patrícia Hammes Strelow e Suzana Trevisan

Apresentação

Professora Suzana Trevisan

A você, leitor(a) de nossa obra, dou as boas-vindas! Sou Suzana Trevisan, educadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Sou organizadora desse livro, juntamente com a jornalista Patricia Strelow, e atuo como professora de Língua Portuguesa da turma 4F, do Curso Técnico Integrado em Administração (modalidade PROEJA), câmpus Sapucaia do Sul. Nós, estudantes e organizadoras da obra, desenvolvemos esse belo projeto, construindo narrativas de episódios significativos da vida dos(as) estudantes. Trata-se, portanto, de um fazer pedagógico.

Os textos apresentados nesta edição buscam valorizar as experiências de vida dessas pessoas, aprimorar a capacidade de expressão através da escrita e fomentar o gosto pela leitura (tanto de nossos(as) estudantes, como da comunidade externa). O projeto Histórias que merecem ser contadas teve início em 2013 e, desde então, construímos mais de 10 volumes, tivemos mais de 260 estudantes narrando as suas histórias e distribuímos cerca de 3.250 livros à comunidade. Cabe ressaltar, entretanto, que o presente volume mostra-se como um marco significativo: é o primeiro a ser registrado oficialmente e editorado.

Você que vê a obra pronta, talvez não tenha ideia do caminho que trilhamos até que essa tarefa fosse finalizada. Como projeto de ensino, o Histórias que Merecem ser contadas conta com escrita (e muitas reescritas); leituras e discussões sobre textos literários (como os contos do Machado de Assis e de Guy de Maupassant) e, é claro, aprendizagens e reflexões sobre a língua portuguesa do Brasil e literatura.

Por fim, não posso deixar de destacar o fato de que esse projeto é uma das tantas ações exitosas do curso em foco. E isso diz muito: num país em que mais da metade da população entre 25 e 64 anos não possui Ensino Médio completo, garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem signifi-

cativa para jovens e adultos torna-se um desafio. Entretanto, iniciativas como essa mostram que é possível resistir e questionar modelos sociais e educativos tão desiguais, afinal de contas, “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Paulo Freire).

Tenha uma excelente leitura!

Andresa de Veiga Figueiredo

No ano de 1994 estava Maria e Rosalvino pensando em ter mais um filho, mas Maria já tinha três filhos de seu primeiro casamento e Rosalvino não podia ter filhos. Foi então que eles resolveram adotar uma criança. Logo após tomarem essa decisão, surge um boato que uma moça estava no início de uma gravidez e que deixaria o bebê no hospital para adoção.

Maria vai atrás da mulher e diz pra ela que gostaria de adotar o bebê e que daria toda a assistência para fazer o acompanhamento da gravidez. Assim foi se passando o tempo e Maria e Rosalvino aguardavam ansiosos a chegada do bebê. Todos ficavam espantados de Maria já ter três filhos grandes e querer adotar um recém-nascido, mas ela não dava ouvidos para esses comentários e seguiu em frente com a adoção.

No dia 18 de julho de 1994 nasce o bebê, era uma menina e Maria dá o nome de Andresa. Rosalvino e Maria levam Andresa para casa junto com seus irmãos. Com o passar do tempo logo Maria se depara com o preconceito, pois Andresa era branca e Maria negra. Foi então que uma mulher pergunta para Maria se aquela criança era realmente sua filha e Maria responde: “Sim, é minha filha. Nunca viu galinha preta botar ovo branco?”

E não foi só com Maria que apareceu o preconceito, ele aconteceu também com seus irmãos. Quando Andresa estava já na escola seu irmão mais velho foi buscá-la a diretora da escola não queria deixa ela ir embora com seu irmão. A diretora ligou para Maria perguntando se o rapaz era mesmo irmão de Andresa, só assim ela foi liberada para ir pra casa.

Apesar de todos os preconceitos que enfrentaram, nunca deixaram isso afetar na família e Andresa cresceu e ama muito sua família. Quando alguém diz que como pode ela ser filha de Maria ou ser irmã de seus irmãos, ela res-

ponde igual sua mãe: “Nunca viu galinha preta botar ovo branco?”.

Daiane de Lima

Eu já vou lhe adiantar que sou bem velhinha no IFSUL. Comecei a estudar aqui no primeiro semestre de 2012, faz bastante tempo já, mas vou voltar um pouquinho no tempo para contar o porquê de voltar só agora. Em 2012 eu já era mãe de um lindo menino de 5 anos (e de tanto meu filho pedir um irmão) resolvi ter outro filho.

Então, orientada por um médico, parei com o anticoncepcional, mas demoraria um pouco para engravidar, devido ao tempo tomando-o. Isso aconteceu no mês de novembro. Ingressei no IFSUL feliz da vida por voltar a estudar, minha turma era super alto astral, tudo estava ótimo e eu estava muito animada com os estudos.

Em abril veio a grande surpresa: eu já estava grávida e para aumentar a surpresa ainda tinha uma outra colega grávida. Nós tínhamos apenas uma semana de diferença. Eu e ela ficamos muito amigas, fazíamos tudo juntas: sentávamos, estudávamos, fazíamos os trabalhos. Lá por outubro descobrimos os sexos dos bebês e eram duas meninas, ISADORA a minha e a MANUELA a da minha amiga.

A turma toda se reuniu com os professores e fizeram um chá de fraldas para nós duas juntas aqui no IFSUL, foi um momento muito especial para todos. Entramos em férias com um barrigão e em janeiro de 2013 nasceram as princesas MANU no dia 15 e a ISA no dia 21 de janeiro. Eu estava muito feliz!!!!

Teria que retornar no 1º semestre de 2013, mas não retornei. Não consegui e fui adiando a volta. Decidi voltar no ano de 2015, mas por uma orientação errada, descobri que estava grávida novamente. Tive que adiar novamente a volta. Neste ano, decidi retornar, pois meus filhos já estão crescidinhos: um com 12 anos, a outra com 6 anos e o pequeno com 4 anos.

Sempre fui uma mãe muito presente, tudo eu queria ensinar, dar bastante colo, carinho e atenção. Mas, agora de-

cidi desapegar um pouco e traçar outros objetivos na vida. Voltei a estudar para ter uma formação e dar o exemplo para eles que nunca é tarde e que quando você quer alguma coisa basta apenas ter força e vontade.

Debora Clair Castro Sampaio

Eu conheço uma linda história de amor ao próximo vinda lá do passado do comecinho da colonização Italiana no interior da nossa serra gaúcha. É a história de um professor chamado Domenico Dal Bosco, ele nasceu na Itália, mais precisamente em Genova por volta de 1872.

Lá vivia com sua família, mas a segunda guerra mundial havia devastado a Itália e seus pais. Para que seus filhos não fossem a guerra e nem morressem de fome e frio pela devastação da sua terra Natal, os mandaram para a América (como chamavam o Brasil lá na sua Pátria). Seu pai deu a ele e seu irmão dois patacão, o nome da moeda, dinheiro daquela época na Itália, essa moeda valia muito. Ele deu dois a cada um dos seus dois filhos e os mandou para o Brasil.

Chegando aqui desembarcaram no porto de Monte Negro que hoje tem outro nome, isso depois de 40 dias e 40 noites viajando de navio. Foram para Antônio Prado e logo ele ficou sabendo que em Soledade havia um moinho a venda e terras para plantar. Deixou seu irmão lá em Antônio Prado, e lá chegando foi desbravando a mata de facão até encontrar outra família, um casal e suas duas filhas que já tinham vindo antes.

Comprou o moinho que já tinha ali da época dos Portugueses no Brasil e casou-se com uma das filhas do casal. Ela se chamava Maria Biondo e ali começou sua família. No começo era tudo muito difícil, tinha que comer num prato feito de porongo e a comida eram um ovo partido no meio entre os dois, mas com sua garra e coragem prosperou e formou uma grande família. Comprou uma terra com 25 peões e logo de cara já os disse: “Vocês irão comer na mesa junto com minha família e da mesma comida que comemos. Dia de chuva ninguém trabalha, porque somos todos iguais”. Todos tinham que trabalhar muito, mas sem distinção.

E assim progrediu dia após dia, não teve como continuar sua profissão de professor porque sua documentação

ficou na Itália, mas tornou-se o dono do maior barbaqua de erva mate da Região. Deixou um grande patrimônio a sua família na cidade de Guaporé (na época era Soledade).

Ele era o avô do meu marido e sua descendência que também são meus filhos seguem até hoje seus ensinamentos de amor ao próximo. Esse exemplo nos mostra que o amor ao próximo pode nos trazer grandes benefícios e alegrias e que a bondade passa de geração em geração. Hoje, minha filha faz pelas pessoas ao seu redor o mesmo que seu bisnono fazia tentando fazer com que aqueles que são considerados menos pela sociedade se tornem iguais.

Gislaine Machado



O menino acordou às pressas, pois já estava atrasado para ir ao dentista. Sua mãe o aguardava com o café pronto na cozinha. Ele estava com os cabelos desgrehados e senta à mesa. Sua mãe passa-lhe os olhos rapidamente e o manda arrumar aquele cabelo bagunçado.

Os dois saem em direção ao Trensurb. Ela com passos largos e ele como uma formiguinha correndo atrás. Quando entraram no vagão do trem, o menino entra primeiro e se escora em um banco e se dispôs a mexer no celular.

Sua mãe ficou um pouco mais a frente.

Com o balançar do trem, o menino fica mais próximos de sua mãe e continua mexendo no celular. As pessoas começaram a olhar desconfiados para o menino, pois não haviam percebido que era sua mãe. Quando a mãe percebeu a situação e o olhares maldosos das pessoas para seu filho, ela faz questão de chegar mais perto do menino, como se não estivesse percebendo os olhares e o menino sem saber nada chega ainda mais perto. As pessoas já estavam vindo em direção do menino, quando a mãe olha para a janela e diz para o menino: -Olha, meu filho, o avião que está passando... que lindo. O menino vira-se para a janela e o contempla encantado em ver o grande avião sobrevoando o trem.

Então, a mãe olha para as pessoas com uma risadinha sarcástica e abraça o menino e lhe dá um beijo na cabeça, mostrando para todos que aquele menino de pele morena

e cabelos desgrenhados era seu filho, com muito orgulho. O menino era um rapaz de pele morena e sua mãe uma mulher loira. As pessoas todas sem graça olharam uns para os outros e baixam a cabeça, retornando cada um para seu lugar.

Vendo essa situação, vejo que o preconceito está evidente no nosso país, pois, um menino de pele escura sempre deixa as pessoas desconfiadas, estando bem vestido ou não. E se fosse um menino de pele branquinha? Será que os olhares e a desconfiança seria a mesma das pessoas naquele vagão?

É de se pensar.

Sonho de um menino

João Pedro Chaves



Era uma vez um garoto que sonhava em realizar o seu sonho de ser Jogador de Futebol e que tinha como seu espelho seu irmão que era Profissional. O menino tinha vontade de ter essa profissão também. Seus Pais apoiaram muito o garoto nessa escolha, mas nunca largar os estudos. Ele sempre teve vontade de jogar, mas era muito pequeno. Sempre tiveram o preconceito com ele, mas ele nunca desistiu de realizar esse sonho. Com força

de vontade, sempre conseguiu jogar em vários times e ser destaque de vários campeonatos da região.

Quando era novo teve a oportunidade de fazer um teste num clube profissional, mas seus Pais acharam que ele era muito novo e não deixaram ele fazer. Quando era adolescente, largou os estudos para realizar esse sonho e seus pais queriam que ele terminasse a escola. O menino não queria estudar e só queria saber de futebol. Quando ficou adulto, ele ouviu seus pais e voltou a estudar. O sonho dele tinha mudado e ele queria fazer um técnico em administração. Estava muito focado em busca, seus pais apoiaram muito o garoto e conseguiu realizar o sonho de cursar o técnico em administração.

Ele tem apoio de sua mãe e ela faz junto com ele o curso. Hoje os dois são colegas e estão muito felizes com essa escolha que tiveram. Quando terminar o técnico em administração, esse menino não quer parar por aqui quer continuar dentro dessa área e fazer uma faculdade. O mundo da gente dá muitas voltas.

Josiane Behenck

Todos os dias após a escola eu e meu irmão almoçávamos e aguardávamos ansiosamente pela saída do meu pai para o trabalho. Assim, podíamos sair para o pátio para brincar, aproveitando as tardes de sol que fazia no verão.

Brincávamos de muitas coisas, mas nossa brincadeira favorita era subir nas árvores que havia no pátio. Meu irmão é dois anos mais novo que eu. As brincadeiras eram bem divertidas e também havia muitas brigas entre nós dois, pois tínhamos o mesmo gosto, disputávamos quem subia no pé de goiaba primeiro.

A tal árvore era grande com muitos galhos longos, bom para ficarmos observando tudo lá de cima. Ali ficávamos as tardes sem ver o tempo passar... quando nos dávamos por conta, nossa mãe já estava nos chamando para tomar banho e fazer os temas da escola e esperar meu pai chegar.

Em certa tarde em que estávamos brincando, meu irmão não parava, pulava de um galho para o outro, quando ele caiu do pé de goiaba. Lá em baixo, caído, não parava de gritar e eu lá de cima fiquei apavorada olhando. Minha mãe saiu correndo para ver o que tinha acontecido com ele e, olhando para mim, falou: “Acabaram as brincadeiras nesta árvore, quando teu pai chegar vamos conversar”.

Eu fiquei ali sentada em um galho esperando meu pai chegar e minha mãe cuidava de meu irmão que havia se machucado. Mas, o pior ainda estava por vir: meus pais decidiram cortar o pé de goiaba. Foi o dia mais triste, porque tive que ver meu irmão machucado e a árvore que tanto gostava sendo cortada. As tardes de verão já não tinham mais graça, nossa árvore favorita, o pé de goiaba, não existia mais.

Josiane Borges

Há um tempo atrás, eu era uma menina de 16 anos e tinha o sonho de ser professora, mas tudo mudou quando eu conheci o amor da minha vida, Édson Borges. Minha mãe levou o maior susto quando falei que pretendia namorar e casar, mas os dias foram passando e o pedido de namoro foi feito.

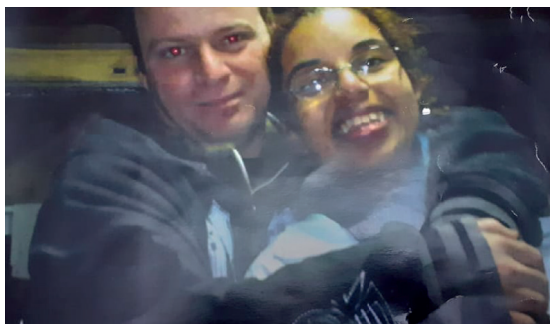
Namoramos, noivamos e casamos. Neste tempo, eu já tinha 17 anos e o meu sonho eu guardei no coração, para não ser esquecido. Comecei a colocar em prática tudo aquilo que minha mãe me ensinou como dona de casa e os anos foram se passando e já estava com 26 anos. Em 2003, era mãe da Karinni Borges e no ano de 2007, da Kamilla Borges. Morava na cidade de Gravataí.

No ano de 2009 me mudei para a cidade de Sapucaia do Sul onde eu moro até hoje, conclui meu ensino fundamental no ano de 2006 e comecei a trabalhar no mesmo ano. Estou vinculada até hoje nesta empresa, trabalhando e estudando. Então, terminei meu ensino fundamental. Teria que concluir o meu segundo passo, o ensino médio.

Através de uma colega, a Marli, eu cheguei até o Ifsul, mas fiquei com medo. Comentei com essa amiga, mas ela me encorajou e disse que eu iria conseguir. Chegando em casa comentei com meu esposo Édson que me apoiou junto com minhas filhas. Nada se torna fácil, mas quando você tem objetivo e tem uma família que te apoia tudo se torna possível.

Chegar até aqui foi com muito esforço, preocupações, muito estudei de madrugada, deixei muitas vezes até de comer para finalizar os trabalhos e me encontro satisfeita. Eu venci e venço qualquer obstáculo, pois sei onde quero chegar. Quando eu olho para trás e vejo o quanto eu conquistei, só tenho a agradecer a Deus, a minha família, aos meus professores que são excelentes e a turma 4F.

Juliana Santos Moreira



Na minha vida eu tive um relacionamento. Eu tinha 15 Anos comecei namorar com essa pessoa, ele era tão Jovem, ele tinha 17 Anos pouquinho mais velho, nós conversamos e ele se apaixonou.

Ele queria namorar tão sério comigo. O primeiro beijo aconteceu no pátio da escola, onde é a praça. A gente começou se beijar na boca e nos abraçamos. Estava o dia mais lindo da semana. Eu falei : “ Eu te amo, Ronaldo. Você quer ficar comigo para sempre?”. Ele falou : “ Sim, minha querida”.

Nosso namoro durou no máximo dois anos e meio, que bom que nós ficamos juntos. Um dia, eu falei : “Ronaldo o que houve? Está vindo o professor Matemática. E agora, o que a gente faz?” Nesse momento , o professor perguntou “O que você gostaria de fazer Juliana? Está na hora pra aula. Essa hora não é de namorar. Tá bom deixa é hora no recreio. Você sabe que estudar é mais importante. Já é hora da prova.”

Eu falei para o Ronaldo : “Amor, eu tenho que ir para a aula.” Ele falou “Está bom, Amor”.

Lidiane da Rosa Leite



No mês de agosto agora completa três anos da perda de minha mãe. Parece que foi ontem, me lembro como se fosse hoje, quando recebi a notícia de que minha mãe tinha entrado em coma e após doze horas veio à óbito.

Guardo na memória o último dia das mães que passamos juntos, nós nos reunimos no domingo eu e meus dois irmãos e fizemos um churrasco. A minha mãe adorava carne mal-passada, ficamos o domingo todos juntos, mal sabíamos que seria o último dia das mães ao lado dela. Rimos, brincamos e choramos fizemos tudo que tínhamos direito.

Passaram-se três meses e ela veio a falecer. Consegui posar com ela no hospital um dia antes, ficamos conversando até tarde, pois o sono não vinha, mal sabia eu que seria o último dia que a veria com vida.

Já passaram-se três anos e parece que foi ontem, tamanha é a falta que ela me faz, a saudade é muita, éramos muito amigas.

Exemplo de superação

Lisandra de Oliveira



Desde bebê minha vida foi muito sofrida, passei por muitas dificuldades financeiras com minha mãe. Passados alguns anos eu já com 16 anos, tive um relacionamento no qual vivi 13 anos. Deste relacionamento tive duas grandes alegrias meus filhos Karla e Ryan os amores da minha vida.

Após estes 13 anos, veio então a separação. Eu já tinha 24 anos de idade e fui morar com minha mãe, trabalhava na empresa MacLane, onde era um sonho para mim. Durante estes 13 anos, eu pedia para Deus um homem que me amasse como uma princesa, que amasse acima de tudo meus filhos, pois já tínhamos sofrido muito. Então, passei a trabalhar muito para criar meus filhos. Nesta mesma empresa conheço o Rodrigo e passamos a conversar.

Eu muito era receosa pois já tinha sofrido muito, mas resolvi dar-me uma chance de viver. Então o Rodrigo me pede em namoro. Namoramos por mais ou menos um ano. Fomos morar juntos, alugamos uma casa onde fomos muito felizes como família. Ele era um pai e um marido maravilhoso, ali tinha certeza que ele era o presente que Deus me prometeu.

Logo o Rodrigo, junto com algumas colegas e amigas de trabalho, decidem me fazer uma surpresa. Ele então compra um par de alianças, coloca dentro da caixa com os produtos, onde eu teria que conferir. Eu, boba sem saber ou ao menos desconfiar de nada, pego no meio dos produtos uma caixinha linda pequena, minha colega então pede que eu abra. Fico nervosa pois meu chefe estava a nos olhar de

longe. Mas com muita insistência de minha colega descido abrir a caixinha, com muito cuidado abro e dentro vejo uma canequinha linda pequena com um bilhete e junto um par de alianças.

Fico extasiada e falo para minha colega: “Olha, que lindo! A menina que ganhar isto vai ficar muito feliz” e torno a guardar. Minha colega fica furiosa comigo e pede para mim ler direito. Então, abro novamente e leio. Estava escrito: “Lisa você quer casar comigo?”. Chorei muito, muito mesmo, pois o Rodrigo tinha me dito que ele seria o único homem a me levar pro altar.

Então, ele se ajoelha aos meus pés e me pede em casamento colocando a aliança em meu dedo. Todos ficam emocionados inclusive meu chefe. Chega então a data mais esperada da minha vida: quatro de maio, meu casamento, meu sonho ali estaria se realizando. Meu vestido era lindo, decoração perfeita, simples mas lindo, minha filha de aia meu filho de pagem.

Chegando na igreja, olho meus filhos lindos e meu futuro marido lindo me esperando no altar, ali Deus me mostrou que sim, ele era o amor da minha vida. Ficamos cinco anos casados, mas por alguns problemas e conflitos descido me separar, pedindo então o divórcio. Sai da casa dele indo alugar uma casa só com meus filhos. Ficamos um ano separados, quando conheci outras pessoas, mas Deus continua agindo ao nosso favor, pois o que Deus une o homem não separa.

Ano passado exatamente no dia das mães voltamos e hoje estamos já há um ano namorando novamente. Levo então para minha vida que, o amor verdadeiro sempre vai prevalecer. Enfim, o Rodrigo é sim o amor da minha vida, meu presente de Deus.

Minha trajetória de vida

Márcia Farias Pereira



Nasci na cidade de Itabuna - BA, tenho um casal de filhos gêmeos: Gabrielle e Gabriel. Fui casada e me divorciei, hoje estou vivendo no meu segundo casamento com um gaúcho, chamado Cláudio.

A minha infância não foi nada fácil, meus pais eram conservadores e autoritários, eles diziam que uma boa educação se começava em casa. Criaram

os nove filhos com muito amor e dificuldade, graças a Deus todos nós seguimos rumos certos e com uma profissão na vida.

Os meus pais não terminaram o ensino fundamental, mas eram muito inteligentes. O meu pai trabalhava como mestre de obras, passava semanas viajando, mas quando chegava em casa colocava ordens e nós obedecíamos. Já a minha mãe trabalhava como merendeira de uma escola municipal e finais de semana fazia costuras. Era uma correria, no final da tarde ela colocava a gente para revisar os cadernos e fazer a lição.

O tempo passou, todos os filhos cresceram e cada um seguiu o seu destino, uns se casaram, tiveram filhos e outros ainda estão solteiros.

Em 2006, eu e meus irmãos tivemos uma luta grande, a minha mãe ficou doente e ficou internada 45 dias no hospital. Os médicos fizeram exames e seu diagnóstico era

câncer no estômago, além disso, ela já tinha uma série de problemas de saúde, tinha pressão alta, diabetes, colesterol, tomava vários remédios e infelizmente ela faleceu. Nesse mesmo período o meu pai teve vários AVC's. Foi muito difícil para ele e para nós, pois fazia pouco tempo que tínhamos perdido uma irmã mais nova que tinha feito um transplante de rim, só que devido a uma picada da dengue teve uma série de problemas e pegou infecção generalizada. Daí meu pai não aguentou, deu o último AVC e dessa vez foi muito complicado que deixou ele acamado, sem falar que ficou quase cego. Como eu tinha me formado recentemente no curso de Técnico em Enfermagem, cuidei dele por um ano, ele teve uma piora, ficou internado uns 15 dias e faleceu. Foi muito triste, chorei e ainda choro por estas perdas.

Eu tenho muitas lembranças boas e de uma frase que meus pais diziam : “Na vida temos que lutar e nunca desistir de sonhar, acreditar que as batalhas estão dentro de nós. Vocês devem abraçar a vida com amor e paixão, ser humilde , vencer com ousadia, enfrentar a escuridão e acreditar que o mundo pertence a Deus e a quem se atreve a viver com garra e determinação”. Sem a presença dos meus pais eu achei que não ia conseguir viver.

O meu mundo desmoronou, o meu casamento não estava bem, fazia um tempo que o meu esposo estava diferente. Ele estava fazendo faculdade, não dava amor e nem carinho aos filhos e muito menos a mim, vivíamos como se fosse dois amigos dormindo no mesmo teto. Eu entrei em crise de depressão, mas o meu esposo nem ligava, tentava dialogar e ele dizia que eu chorava de barriga cheia. Resolvi trabalhar novamente, melhorei as crises de ansiedade, fiz novos amigos.

Num certo dia fui para um pagode me divertir com minhas amigas e conheci um homem charmoso, de olhos claros, ele pediu meu telefone e eu dei os números invertidos. Ele passou um dia tentando juntar os números até conseguiu me localizar, então resolvi dar uma chance a minha vida. Começamos a namorar. Estava um pouco esquisito porque eu precisava resolver minha situação com meu ex-marido, pois

não estava certo, o meu namorado queria sair comigo, ele não queria me esconder, queria relacionamento sério.

Num dia de folga do meu ex-marido eu conversei com ele e decidimos nos divorciar e cada um viver sua vida. Ele então decidiu sair de casa, foi um pouco difícil pra meu filho Gabriel. Ele ficou triste, mas ao mesmo tempo, a minha filha Gabrielle ficou feliz, ela simpatizou pelo meu namorado e pediu para ele me fazer feliz. O meu namorado Claudio ficou tão feliz, pois o sonho dele era ter uma filha, ela não é filha de sangue, mas é de coração. Hoje estamos juntos, me divorciei e fui morar com o grande amor da minha vida. O meu esposo casou e foi viver a vida dele.

Em 2014 a minha trajetória de vida mudou o rumo, eu e meu esposo Claudio resolvemos vir para o Rio Grande do Sul. Foram dias de viagem, ele é caminhoneiro e nós viemos com nossa mudança. Foi muita choradeira da minha família, ter que deixar minha terra natal, foi muito difícil, os meus costumes, o clima e o estilo de vida. Eu não sabia o que ia realmente acontecer quando chegasse nessa cidade fria. Eu nem acreditei, quando meu esposo disse: “Chegamos no Rio grande do Sul, meu amor”. Eu olhei aquele enorme túnel que estávamos passando, os meus filhos ficaram felizes e eu só chorava, foi aí que dei conta que meu passado ficou para trás. Eu pensei “seja o que Deus quiser, vou seguir o meu destino”.

O primeiro ano foi bom, já não pegamos o inverno, mas no segundo ano eu sofri, não suportava o frio, tinha medo das trovoadas, dos relâmpagos, era tudo diferente, mas eu tinha que me acostumar com essa nova vida. Fiquei doente, tive falta de ar, bronquite, dores por todo o corpo, tossia demais, fui várias vezes para o hospital. Eu quase enlouqueci, queria ir embora, o meu esposo saía para viajar e ficava preocupado. Eu melhorei. Daí veio o verão, um calor do inferno, mal respirava, e eu dizia: “Cadê a brisa, meu Deus?”. Não tinha vento, era só aquele calor insuportável com ar seco que mal dava para respirar. Foi muito difícil para a gente se acostumar. Passaram alguns meses e resolvi procurar emprego. Não estava escolhendo trabalho, até porque

logo no início tentei buscar serviço na minha área de técnica de enfermagem, porém fui rejeitada em duas entrevistas no hospital, pois não tinha carteira assinada e ficou difícil para mim. Daí fui trabalhar em telemarketing, quase fiquei louca, sonhava com os clientes e conversava, era bizarro. A minha filha gravava no celular, minha voz se transformava, parecia que era duas pessoas falando: eu e o cliente. O meu esposo às vezes, quando estava em casa dava risada, daí eu pedi minha demissão. Estava difícil para conviver com esse trabalho, eu gostava das minhas colegas, fiz boas amizades, mas aquela profissão não era para mim.

Novamente tentei trabalhar no hospital, me inscrevi, mas estava demorando, daí resolvi trabalhar numa cooperativa de enfermagem. Dava plantões pesados, era bom porque estava ganhando bem, mas não tinha carteira assinada e isso não era bom. Fiquei um bom tempo trabalhando, mas resolvi sair porque já não estava aguentando mais. Vivía mal da coluna, porque só trabalhava com pacientes obesos, acamados e cadeirantes e isso era muito ruim. Hoje eu não consigo pegar peso, pois estou com lombalgia e tendinite.

Passaram alguns meses, a situação financeira não estava nada boa, meu esposo estava desempregado, as contas começaram a acumular, mal pagava o aluguel. Eu tive que arrumar um trabalho de auxiliar de limpeza numa hemodiálise, porque não tinha outra opção. Esse trabalho foi o primeiro que apareceu. A enfermeira me prometeu arrumar um trabalho na enfermagem, só que eu não aguentei, estava muito sobrecarregada no serviço da limpeza, e o pior disso tudo é que as técnicas de enfermagem me humilhavam, faziam bastante sujeira. Era muito triste, eu não queria enxergar aquilo que estava acontecendo, mas eu acabei adoecendo e tive que me afastar.

Passei por muitos atritos, muitas dificuldades, mas eu conheci um amiga, Angelita. Eu tinha comentado para ela da minha situação, ela disse: amiga volta a estudar. Eu estudo no Ifsul, uma escola muito boa, tem professores ótimos, daí você vai melhorar dessa ansiedade. Então, eu falei com meu esposo e meus filhos e eles me apoiaram. Eu fiz a inscrição e

hoje estou no 4º semestre, por isso agradeço a Deus, a minha família, aos professores e meus amigos que me incentivaram.

Portanto essa é minha trajetória de vida, aqui meus agradecimentos para os professores, amigos e funcionários que me deram a chance de sonhar e apoiaram a seguir este caminho.

]De acordo com Mellyssa: “A vida tem 4 sentidos: amar, sofrer, lutar e vencer. Portanto ame muito, sofra pouco, lute bastante e vença sempre.” Por isso lute diante das coisas mais difíceis da vida, para que um dia possa olhar para trás e dizer: “Foi difícil..., mas eu conseguir!!!”. Seja feliz, agradeça a Deus pela vida e nunca desista de vencer.

Não destruíram a minha existência

Mari Alberton



27 de fevereiro de 2014, data que não vou esquecer pelo resto da minha vida. Foram quase 30 anos de uma vida submissa, sem ter vontade própria, sem vaidade, sem autoestima, enfim, um nada.

Aparentemente era só mais um “tedel” que ele faria dentro de casa. Era mais uma noite de

inferno... então, começou o quebra-quebra, a pancadaria. Muitos anos apanhando, sendo humilhada, envergonhada e sentindo medo.

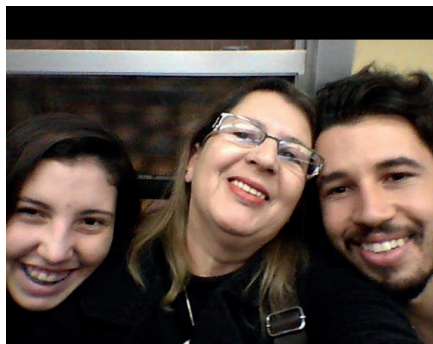
Não sei explicar exatamente o que aconteceu, mas fui tomada por uma coragem que não sei de onde veio a vontade de fugir para acabar com aquela vida desgraçada. Fugi com a ajuda dos meus filhos. O pavor era enorme, mas a vontade de pôr um fim era maior. Passei dias agitada, confusa, mas com a certeza de que não queria mais aquela vida.

Já se passaram cinco anos e oito meses desde aquele dia e cada vez me descubro mais como uma mulher forte e determinada. Voltei a estudar, consegui conquistar o meu espaço. Agradeço a Deus todos os dias por ter tido a coragem de ter dado um basta na situação. Conto com o apoio dos meus filhos e também das amigas que fiz nesse período de renovação pessoal.

Resolvi contar essa parte da minha vida para tentar conscientizar outras mulheres, outras Maris da vida, para

que elas saibam que existe vida bela, livre e para que não deixem que destruam a sua existência.

Maria do Carmo



A Maria casou muito jovem com seu primeiro namorado, mas o casamento não deu certo. Vieram os filhos e ela foi aguentando tudo, mas tinha um objetivo de um dia separar e conseguir de volta a liberdade dela.

Há 7 anos atrás ela conseguiu a tão sonhada liberdade e com apoio dos dois filhos conseguiu o divórcio. Era hora de recomeçar o que ficou guardado lá atrás. Voltou a estudar, trabalha é dona de sua vida. Ela vai dedicar o certificado de conclusão a seus filhos que deram todo suporte e apoio a ela nesse recomeço.

E por isso Maria acredita que não podemos mudar o que aconteceu e sempre há uma chance de recomeçar, basta querer e ter coragem e isso é o que ela mais tem.

Maria Eliege Arencé de Souza

Morei no interior até meus 10 anos, com meus pais, Pedro, Marina e minha três irmãs, Rosângela, Roselia e Rosane. Chegamos em Sapucaia do Sul em 1973, para que eu e minhas irmãs continuássemos os estudos, pois na escola do interior tinha só o primário (hoje é ensino fundamental). Passaram alguns anos, meu pai ficou muito doente e nós tivemos que trabalhar para ajudar nas despesas de casa, mas minha mãe sempre incentivando para que continuássemos estudando. Mas, como antes de 1988 (nova constituinte), os horários do comércio e os patrões não eram tão flexíveis, tivemos que dar uma pausa nos estudos, pois era necessário ajudar em casa. Meu pai também achava que meninas não podiam estudar à noite, era perigoso e ele achava que não precisava mesmo, mas minha mãe sempre nos dizia que um dia ia conseguir uma formação técnica.

Passaram alguns anos e eu fui até a Escola Rubem Dário, feliz porque eu queria muito estar ali. Sofri um assalto quando chegava próximo a minha casa e o pânico tomou conta, não consegui retornar. Mas, ele sempre dizia para que eu não desanimasse que um dia conseguiria. Passaram mais alguns anos, casei tive meus filhos, então decidimos que primeiro meu marido voltaria aos estudos e, mesmo com tantas dificuldades, em 10 de Agosto de 2013, aconteceu a tão sonhada colação em Ciências Econômicas. Foi emocionante e muito comemorado. Depois, a primeira palavra que ele me disse foi que agora eu teria que buscar meu canudo.

Porém, quinze dias após a formatura, aquela pessoa que mais incentivava a correr atrás dos objetivos, que só tinha palavras de otimismo com todos, não resistiu num procedimento cirúrgico naquele coração tão lindo e foi morar com Deus. O desespero, a depressão chegou forte e, mais alguns problemas de saúde, meu mundo parou por meses, anos.

Foi então que uma amiga me incentivou a fazer a ins-

crição aqui no Ifsul, porque aqui eu ia conseguir. Com o apoio de meu marido e filhos hoje estou na 4F, ainda com algumas dificuldades (memória curta), pensamento acelerado demais que me atrapalham, mas sempre pensando na felicidade dela se estivesse presente na minha formatura. Eu como Técnica em Administração e minha filha Gabriela, Bacharel em Administração. Sou grata a minha família, amigos pela força, mas a minha homenagem à minha melhor amiga, o meu primeiro amor, minha mãe.

Maria Inês Machado da Silva

Somos uma família de nove irmãos, fomos muito humildes, com inúmeras dificuldades. Meu pai Valdemiro muito doente, teve tuberculose e na época não havia muito recursos como hoje. Teve que se afastar do trabalho e se dedicar mais a cuidar da saúde, recebendo um salário mínimo por mês para manter a família. Como era muito pouco, os filhos mais velhos começaram a trabalhar e logo também casaram, deixando a minha mãe, Necy, e minhas duas irmãs, Marlene e Ângela, assumirem a responsabilidade de manter o restante da família.

Com muito sacrifício e renúncias, hoje vejo estas três mulheres se dedicarem com muito empenho e carinho ao restante da família, não deixando faltar o principal, ou essencial. Minhas irmãs até hoje estão sempre dispostas a ajudar mesmo que às vezes nem possam.

Minha mãe tem 80 anos e vive com a Ângela, minha irmã do meio, ela cuida com muito zelo e carinho da nossa matriarca. Ela é formada em engenharia mecânica e matemática, hoje exerce também a profissão de professora, luta todos os dias para manter a família dela. Não deixa faltar nada para nossa rainha, nossa mãe. Minha outra irmã, Marlene, é formada em contabilidade e ciências contábeis, se dedica a sua família, mas está sempre com as mãos estendidas para as nossas.

Sou grata a estas três mulheres, pelo empenho, carinho, renúncias e amor dado a nós. Peço sempre muita luz e proteção a elas, por tudo que fizeram a nós. Hoje me resta as recordações felizes, pois as tristes me ensinaram driblar as dificuldades.

Marilene Santos

Eu me chamo Marilene, tenho 41 anos e moro em Sapucaia do Sul atualmente, mas sou catarinense. Nasci em uma família onde meus pais não se alfabetizaram, mas foram meus exemplos de estrutura de base familiar. Me deram o melhor que podiam alcançar para época que era de pouco acesso ao mundo tecnológico que existia. Então, eu sonhava com um casamento em harmonia como foi o dos meus pais. Fomos uma família feliz com base no amor fraterno. Só que isso não aconteceu comigo.

Tive um casamento logo na minha juventude aos meus 18 anos e nele fui viver meus 14 anos de inferno. Foram seis meses de namoro e noivado e eu estava casada, pois ele tinha pressa de casar. Fui morar na casa onde é minha atual residência atual. Engravidei nos primeiros 3 meses no mesmo ano que me casei, por não ter informações da prevenção da gravidez. Ai que tudo mudou: tive que parar de trabalhar porque meu marido não me deixava, mas eu relutava mesmo com as agrêsões verbais dele. E com a gravidez ele me convenceu que eu ia ser mãe e mulher casada: era pra cuidar da casa e dos filhos. Eu até pensava como minha mãe era feliz com nós em casa e também achei que eu ia ser feliz podendo estar perto todo tempo do filho. Porém, não me dei por conta que minha mãe trabalhava na lavoura com meu pai.

Então ela aconselhava o trabalho com a nossa família, por isso ela tinha grande satisfação em ser trabalhadora, mãe e mulher respeitada e feliz. As agrêsões verbais aumentaram durante toda a gestação. Eu me machucava por dentro, pois tinha sido criada num lar calmo com muito amor. O pior é o que estava por vir: as agrêsões físicas e as ameaças. Se eu voltasse pra casa dos meus pais, ele me tirava meu filho, por que ele me afirmava que nenhum juiz ia me conceder a guarda do meu filho por eu não trabalhar.

Depois de sete anos de casamento eu tive um choque

emocional: a perda da minha mãe. Enfrentei meu marido e fiquei três meses cuidando dela, esse foi período do câncer que a matou. Mesmo com os maus tratos, eu só queria ficar com meus filhos, pois nesse período havia nascido minha filha. Foi quando retornei da casa da minha mãe pela penúltima vez de três viagens que fiz pra nossa casa, porque ele dizia que ia me denunciar como abandono do lar. Então, dessa vez, não avisei que eu ia vir pra casa e ao chegar em casa meu marido havia trazido outra mulher pra nossa casa. Não argumentei nada com ele, só pedi pra mulher sair da nossa casa. Naquele momento, minha vida estava focada no meu amor pela vida da minha mãe e também pelo receio dele não me deixar voltar pra casa da minha mãe. Eu sabia que eram os últimos dias de vida dela. E foi como aconteceu: minha querida mãe faleceu e meu filho era meu ombro de apoio naquele momento. Toda minhas irmãs estavam com seus maridos menos eu. Eu comuniquei ele da morte da minha mãe, mas ele não quis comparecer.

Vim pra casa no sétimo dia do falecimento, depois da missa de sétimo dia, trazendo meu pai pra passar uns dias longe das lembranças que eram muito recentes. Levei minha última surra, a pior de todas. Fui inconsciente pro hospital, porque meu herói não podia enfrentar ele. Papai era vítima de um AVC e trazia limitações corporais. Ele pediu socorro a vizinha que chegou lá em casa e meu marido disse que eu tinha caído no banheiro e desmaiei. Ele viu que não tinha outra saída a não ser me levar pro hospital e pediu ajuda pra vizinha pra me colocar no carro. A vizinha acompanhou mesmo que ele ficou surpreso.

Então, ao chegar no hospital, ele agradeceu a vizinha, pois pras pessoas ele era um bom marido. Disse pro atendente que eu tinha caído no banheiro. Quando eu acordei no hospital, a enfermeira que estava me atendendo me disse: “Olá, como você está se sentindo? Como é seu nome?”. A voz não saía, apenas as lágrimas. Ela disse: “Não precisa ter medo... O que aconteceu? Seu marido disse que você caiu no banheiro, mas seu filho está nervoso. Ele não quer que você morra e não quer ficar só com o pai.” A Enfermeira

ainda disse: “Você tem um herói e agora é a vez de retribuir e levar uma vida diferente com seus filhos. Se a senhora quer levar uma vida diferente, nós chamamos a polícia para lhe ouvir.” Eu disse: “Polícia não vai mudar a minha vida, eu já fui várias vezes na delegacia e eles não fizeram nada. Ainda ouvi que estou casada porque gosto de apanhar e ele me manda pra uma audiência e diz que vou preferir ficar com o agressor.”

Nesse momento eu lembrei que meu filho estavam com o pai dele e longe de mim. A enfermeira disse: “Tem a Maria da Penha e teu marido nem vai pra casa. Pelo menos alguns dias ele vai ficar preso, teu filhos não vão ficar com ele, vão ficar com alguém da família que o conselho tutelar vai chamar até a senhora sair daqui”. Eu estava sem forças, mas naquele instante veio em meu pensamento a morte da minha mãe. Com isso, a certeza que pra morte não há solução e como era difícil pra seguir sem a mãe... imagina meu pequenos.

Que Maria da Penha era essa? Pensei que era uma juíza da mulher, Maria da Penha. “Quero falar com a polícia, mas antes quero saber quem é essa Maria da Penha... também quero ver minha irmã.” Quando ela me viu, disse: “Agora chega, né? Vou ficar com as crianças até você voltar pra casa”. Logo, dois PMs se aproximaram de mim e falaram “Vamos ouvir a senhora e tudo que nos disser vamos levar pro fórum com urgência. A senhora está protegida pela lei Maria da Penha”. Aí que me cai em mim que era uma lei essa Maria da Penha. O policial acrescentou que era o primeiro ano que essa lei havia pra mulheres vítimas de agressões. Me encorajei quando o PM me disseram no meu caso meu marido estaria preso em flagrante. E continuou: “o agressor está na recepção e quer lhe ver assim que a senhora acordar, mas ele não vai vir até a senhora. Já verificamos que a senhora foi alguma vez na delegacia e fez BO.” Respondi a eles: “Que é BO? Sim, fui denunciar ele, mas não adiantou de nada”. “Agora ele vai preso depois da nossa conversa. Nos conta como isso aconteceu?”

Eu comecei: “Então, hoje é o dia dos namorados. Nós

estávamos em casa e deu um bip num aparelho que meu marido tem, mas não é celular. É um aparelho que só manda e recebe mensagens. Ele deixou o aparelho em cima da mesa, pois eu nunca mexi nas coisas dele, mas nesse dia eu mexi e era um recado da mulher que ele tem. Eu disse pra ele ‘Você tem outra mulher?’. Ele disse que não e viu que eu estava com o aparelho nas mãos. Então, eu disse ‘eu quero que você seja feliz com essa pessoa e me deixe com nossos filhos aqui na nossa casa’. Então ele me pegou de socos até me levar pro quarto. Só me lembro de me levantar do chão e que eu voei pra parede e agora estou aqui.”

Ele ficou preso uma semana e eu fiquei quinze dias hospitalizada. Mesmo com medida protetiva, ele me perseguia por cinco anos até ele tentar colocar fogo na minha residência com nossos filhos dormindo na minha companhia. Novamente a vizinha da frente da minha casa ia sair pro trabalho e viu ele no pátio e me ligou. Era cinco e trinta da manhã. Um ano depois ele foi condenado mediante esse processo de tentativa de nos matar e danos materiais por ter quebrado todos os vidros e amassamento na lataria do carro que havia no pátios. Foi condenado a um ano e meio de prisão ele, mas só cumpriu um terço em regime fechado, pois o ministério público encontrou imagens dele num posto de gasolina perto da minha casa, próximo ao horário que ele entrou no pátio. Nesse momento nossos filhos eram adolescentes e não queriam a convivência com o pai. O conselho os acompanhava o nossa situação .

Ao sair da prisão era tenso pra mim, mas ele nunca mais me perseguiu. Hoje, nossos filhos são adultos e começaram a conversar comigo que o pai os procurava para reataram uma convivência melhor. Nos primeiros encontros deles, ele me citava para uma reconstrução de família. Nossos filhos foram taxativo com ele: “Nós só vamos continuar nossa convivência se o senhor não incluir a nossa mãe nesses encontros nossos.” Ele já ficou mais conformado e aceitou para continuar com os filhos.

Eu sempre me mantenho a distância dele. Hoje sou feliz por ter conseguido tornar nossos filhos em pessoas do

bem. Filhos que passou o tempo são eles que me trazem pro Ifsul, onde estou me formando em técnico em administração. Também tenho objetivo de fazer meu curso superior em Assistente Social e ter um casamento verdadeiro pra me realizar como família que era a realidade dos meus pais.

Roselaine da Rosa Rodrigues

Lembro até hoje em todos os acontecimentos importantes da minha vida, ela estava presente como: ouvinte, incentivadora, conselheira. Como sempre, ela era calma, quieta, meio tímida e eu aquela adolescente com uma forma de me expressar sem receios, sem limites. Me acompanhou em algumas baladas, pois a época exigia.

Quando perdi a virgindade lá foi ela me levar no médico, dar remédio. Ficava chocada com tanta rebeldia de uma adolescente, afinal eu era meio radical. Me vi grávida aos 18 anos, lembro até hoje que com a notícia ela comeu um pacote de merengue de tão nervosa que ficou. Me apoiou na gravidez, quando tive um filho prematuro e quando ele faleceu com dois meses. Praticamente criou comigo meu segundo filho, que veio logo depois. Me deu o maior apoio com a separação depois de 7 anos de casada, situação bem complicado.

Era engraçado chegar de madrugada e ver ela me esperando chegar da balada e eu contar na maior cara de pau minhas facetas. Chegou a me dar banho de um porre momentâneo. Depois aconteceram muitas coisas, ela descobriu uma doença grave no trabalho, nossas casas pegaram fogo e perdemos tudo, sua doença se agravou e ela passava a maior parte do tempo no oxigênio.

Casei novamente e fui morar longe e ela foi morar com minha vó. Nos distanciamos um pouco, mas sempre que podia lá estava ela a me ajudar, até chegar a sua morte. Mesmo sabendo da gravidade da doença, não estávamos preparados e foi muito difícil para todos. Hoje sei que é um anjo na minha vida, era meu alicerce, pois aprendi que uma amizade nos fortalece, pois não tinha medo do futuro, nem dos acontecimentos. Agora tenho medo de muitas coisas, não tenho seu apoio. Meus maiores segredos ela guardava.

Ela já não estava na gravidez da minha menina e na sua trajetória, mas é sempre lembrada e nunca esquecida.

Muitas saudades da minha melhor amiga, pessoa que passou a lição de bondade de coração, generosidade e positividade. Minha melhor amiga foi minha mãe.

O sonho perfeito

Rosmari Guiomar Zitter

Quando estamos nos sentindo triste e sem perspectiva de vida, sem esperança sem emprego e muitos outros problemas de família, achando que não há saída para mais nada, Deus nos surpreende. Ouvi falar em uma escola que há aulas para jovens e adultos, Proeja, e mais que depressa faço minha inscrição e junto uma redação. Fico contando os dias até chegar o resultado e ver meu nome na lista de aprovados. Foi uma alegria imensa, já que não pude concluir meus estudos no passado.

Foram vários motivos, entre eles o trabalho para minha sobrevivência. Hoje, com 48 anos, chego a esta fase da vida com muitas derrotas e algumas vitórias, calejada pela vida e sinto que o estudo me fez muita falta. Feliz daquele que possa entender e voltar a estudar, pois o conhecimento transforma as pessoas, começamos a ver o mundo de outra maneira como jamais visto antes.

Tenho muito apoio do meu esposo e minhas duas filhas, meus tesouros, todos são um presente em minha vida. Juntos eu caminharei por caminhos para mim ainda desconhecidos e tenho a certeza que subirei ao pódio em um futuro muito próximo e realizarei meu sonho de voltar a estudar, não só o ensino médio, mas uma faculdade futuramente.

Scheila Celina de Prate dos Santos



O dia 28/11/2009 se tornou um marco em minha vida. Até então, eu vivia normalmente, casada há 4 anos com meu marido Fábio, vivíamos muito bem. Neste dia, nós acordamos

e seguimos a rotina proposta. Era um lindo sábado de sol, mal eu sabia que a noite tudo iria mudar radicalmente, o dia foi passando tranquilamente.

Chegou a noite e tínhamos compromisso, nos arrumamos e felizes saímos, nosso veículo era uma moto e chegando ao local, eu fiquei lá e o Fábio foi ao banco sacar dinheiro. Não demorou muito e comecei a perceber uma movimentação estranha. Então, entram uma amiga e meu cunhado. Eles estavam sentados ao meu lado e de repente saíram. Eu fiquei curiosa e fui atrás, cheguei na frente do local onde estávamos e na esquina havia muitas pessoas e viaturas de polícia. Comentei ao vigilante.

- Parece ser um acidente, quem será?

- Foi seu marido!

Saí correndo e chegando naquele círculo de pessoas que se formou em sua volta, entrei e vi o Fábio jogado no chão, ele gritava e dizia.

- Me tira daqui, dói muito, não consigo levantar. Repetidamente ele gritava, mas eu e meu cunhado que já havia chegado no local, tentávamos acalmá-lo até que a SAMU chegasse.

Então, após alguns minutos a SAMU chegou e colocaram meu marido na maca rígida. Fomos ao hospital, para

mim foi um momento assustador dentro daquela ambulância, assistindo meu marido aos berros e sofrendo de muita dor.

Algumas horas depois de chegar ao hospital Getúlio Vargas em Sapucaia do Sul, veio diagnóstico, assustador e me chamaram para falar com os médicos. Eles disseram: seu marido tem fragmentos de ossos na medula, fraturou a coluna em duas partes, deslocou a bacia e tem um possível perfuramento no intestino. Sai da sala chocada e pasma, uma mistura de sentimentos ruins, pavor, medo, angústia, tristeza, revolta...

No dia seguinte, por medidas judiciais, meu marido foi transferido para Porto Alegre, para o Hospital Cristo Redentor, referência no estado em trauma. Tive ajuda de amigos advogados e familiares para fazer os trâmites da transferência e a mão de Deus, é claro, em todo momento Ele estava comigo.

No hospital Cristo Redentor veio o diagnóstico definitivo, recebemos juntos a notícia que Fábio ficou paraplégico, pois sua medula foi seccionada pelos fragmentos de ossos. Ele passou por duas cirurgias, uma na coluna e outra na bacia, ficamos 40 dias no hospital, eu fiquei o tempo todo com ele.

Nossa vida deu um giro de 180 graus, tivemos que nos mudar de nossa casa devido à situação, foram dias e meses difíceis de recuperação, mas decidimos olhar a vida com olhos bons. Aproveitamos para crescer e nos fortalecer mediante as circunstâncias, a nossa relação ficou mais intensa e o amor aumentou, lutamos juntos contra todos os obstáculos e vencemos!

Após dois anos do acidente, decidimos ter um filho e tivemos um lindo bebê que hoje tem 7 anos e se chama Caio, digo que ele é nosso milagre. Com tudo isso que passamos, aprendemos muito e não foi fácil, mas tudo depende de como decidimos encarar as lições da vida. Já se passou 10 anos e Fábio em nenhum momento murmurou sobre sua situação, apenas aceitou e isso foi muito importante para nós.

Atualmente somos uma família muito feliz, sou realiza-

da com o marido e filho que tenho. Posso dizer com convicção, que tudo aconteceu como deveria ser e aceitamos o fato de meu marido ser cadeirante, mas isso não o torna inferior a ninguém, bem pelo contrário, ele se tornou uma pessoa magnífica de um caráter incrível, sou grata.

A vida muda sim, ela é como deve ser, que sejamos gratos todos os dias!

Sirlei Leão

Eu me chamo Sirlei, tenho 43 anos. Hoje estou estudando no Instituto Federal, cursando Técnico em Administração. É um momento único ter a oportunidade de voltar a estudar, porém não significa que está sendo fácil, temos dificuldade na caminhada. Mas, não podemos desistir e continuarei firme até concluir o curso.

Durante a minha infância tive que parar de estudar quando cursava o 6º ano, devido a um momento quando minha mãe se encontrava doente, decorrente do nascimento de meu irmão. Nesse período, precisei auxiliar minha família, cooperando para a renda, então comecei a trabalhar com 13 anos. Sendo assim, não havia mais tempo para estudar.

Logo depois, com 15 anos, mudei-me para Sapucaia do Sul e com 20 anos me casei e tive 2 filhos. Concluí o ensino fundamental pela EJA, quando morava em Canoas. Com o passar do tempo me divorciei e foi um nova etapa de minha vida. Junto a essas mudanças, houve também o desejo de retomar os estudos novamente. Mas, sempre deixava para depois, pois penso sempre primeiramente no meus filhos, porque passei por muitas coisas difíceis para cria-los.

Hoje eles estão bem mais independentes e maduros, minha filha tem 23 anos e meu filho 14 anos. São presentes de Deus na minha vida. Brinco com meus filhos que depois de velha comecei a estudar. Mas, nunca é tarde para recomençar, seja na escola, ou em qualquer outra área da vida. O conhecimento transforma vidas, abre mentes e eu tenho fé que todos os dias podemos recomençar e aprender.

Todas as coisas que passei, nunca tiraram o sorriso de minha face ou me fizeram perder as esperanças, muito pelo contrário, me fizeram acreditar mais ainda que as coisas melhorariam. E você que está lendo, deixo uma dica, acredite nos seus sonhos! Seja voltar a estudar, adquirir uma casa própria, viajar e etc. Nunca é tarde para tentar e aprender.

A Engraçada Tristeza

Suélien Teresinha de Paula

Eu e minha família moramos no mesmo bairro desde sempre e temos ótimos vizinhos, criamos um vínculo forte de amizade. Em especial temos o nosso vizinho Pedro, uma pessoa prestativa, simpática e educada. Por morar sozinho na cidade, longe de seus pais, ele sofria muito sabendo que seu pai estava doente e longe dele. A vizinhança unida conseguiu trazer o seu João para perto de seu filho.

Vivemos dias de muita tristeza vendo nosso amigo chorar, pois trabalhávamos na mesma empresa e vivíamos junto com ele. Ele sentia agonia, medo, insegurança de perder seu pai e a impotência de não poder fazer nada, até porque a doença já estava bem agravada.

Era final de ano e estávamos todos de férias nos arrumando para viajar, com o carro carregado, rumo ao litoral. Então, recebemos a triste notícia do falecimento do seu João. Paramos e pensamos: o que fazer? Meu pai em bom tom disse: “Em consideração ao Pedro, vamos ao velório dar os pêsames aos familiares e seguiremos viagem”. Minha mãe muito comovida com a situação, não sabia o que fazer, mas naquele momento pensou que poderia fazer as duas coisas: ir ao velório e depois ir viajar.

Chegamos a capela, com um lindo vaso de crisântemos que perfumou o local. Quando chegamos, Pedro não estava lá. Então, largamos as flores e fomos até o corpo para fazer uma oração de despedida. Não reconhecemos o corpo, mas pensamos que era em consequência à doença, a magreza que estava.

Ao sair na rua, ficamos intrigadas de não reconhecermos nenhuma pessoa ali. Fomos para o carro ao encontro do meu pai e contamos para ele o ocorrido. Ele, com um sorriso no canto de boca, disse: “Vocês erraram a capela. Seu

João está na capela dos fundos”. Minha mãe pediu dinheiro para comprar outro vaso de flor e meu pai mandou ela pegar as flores da capela errada e levar para seu João.

Descemos do carro sem saber se ríamos ou chorávamos, pedimos desculpas aos familiares, pegamos as flores e aí sim fomos no velório certo. Depois da confusão, largamos as flores para o seu João e seguimos viagem.

Sunara Regina Allgayer

Certo dia, estávamos meu esposo, eu e nossas filhas Ingrid e Geovana jantando na casa de minha mãe. Conversa vai, conversa vem e as meninas ao redor incomodando, porque estavam com muita fome e queriam saber se ia demorar para a comida ficar pronta.

Passando um tempo, a comida foi servida, logo a Gege, que é bem marota, começou a falar que estava cansada e que o peito estava batendo forte. Não demos muita bola por acharmos que era para não terminar a comida. Eu respondi para ela: “Depois que tu comer, a mãe olha.”

Tempo depois, fomos para casa. Chegamos lá, as meninas foram colocar o pijama, eu fui direto para o banho e meu esposo quis olhar um filme com elas, Graças a Deus. Sentado no sofá, elas se aconchegaram uma de cada lado. Logo a Gege pulou para o colo do pai e ele instantaneamente colocou o braço envolta dela e a mão parou no peito. Esperou uns segundos e largou ela no sofá calmamente e foi até o banheiro. Ele disse:

- Sai do banho agora.

Eu perguntei:

- Porquê?

Sai agora do banho, o coração da Ge está muito acelerado, muito mesmo...

Sai correndo, olhei para ela e vi a blusa dela pulando, literalmente. Me vesti, largamos a Ingrid na casa próxima a nossa que moravam um casal de amigos, a Catita e o Marcos. Eles prontamente nos ajudaram, seguimos para o médico.

No meio do caminho, meu esposo teve um estalo: não vamos para Unimed, vamos direto pro Hospital Regina. Chegando no hospital ela parecia normal, queria até brincar e falou.

- Mamãe quero brincar.

-Filha depois que consultarmos poderá brincar.

Nos deixaram esperando um tempo, até que pedi para o Xandi ver se iria demorar muito ainda. O coração dela

estava mais acelerado. Meu marido falou com a atendente e relatou o que estava acontecendo, segundos depois chamaram a gente.

Enquanto falávamos o que estava acontecendo, a enfermeira estava colocando um aparelho no dedinho da Gege para medir os batimentos. Tenho a cena gravada com muitos detalhes na memória: ela retirou o aparelho sacudiu, desconectou e conectou novamente e colocou nela. Olhou para nós e apontou para o peito da Gege, a jaqueta jeans estava pulsando junto com o coração visivelmente. Ali começou a correria, chamaram uma cardiopediatra e ao mesmo tempo já estavam arrumando a UTI para receber a Geovana. Ela entrou com 302 batimentos cardíacos: estávamos apavorados.

Foi tudo tão rápido que quando vi já estávamos eu e ela na UTI pediátrica cheio de gente e ela ainda querendo brincar. Fizemos muitos exames, medicações, não estávamos conseguindo fazer com que ela se aquietasse para ajudar a baixar os batimentos. Até que a médica me chama e fala:

-Mãezinha, vamos desligar as luzes para ver se ela dorme. Eu já dei as medicações possíveis, vou poder medicá-la só daqui a 8 horas e não podemos esperar esse tempo, se não ela não vai aguentar. Vamos aguardar um pouco e se não baixar, tenho que entrar com o eletrochoque. Ela não vai estar totalmente sedada. Não temos como entubar ela pra fazer, isso iria machucar mais ela e o tempo é curto.

Meu corpo amoleceu, minha cabeça deu uma volta na vida em segundos, comecei a chorar e deu um estalo: “Não, não posso chorar. Ela vai ficar nervosa.” Pensei no meu esposo, lá fora... como gostaria de um abraço, mas não poderia pensar em mim e sim nela.

Ficamos só nós duas no quarto da UTI, a médica e as enfermeiras grudadas no janelão de vidro que ficava de frente pra cama da Gege. Comecei a fazer carinho na mão dela, que era a forma que ela gostava de dormir. Foi assim que começou adormecer. Os batimentos tinham ido apenas pra 298 e não baixava disso. Eu me perguntei: “Entre aqui com minha filha nos braços. Será que vou sair daqui sem

ela? Não, não pode ser”. Foi quando me ajoelhei ao lado da cama dela e comecei a rezar, na verdade, a conversar com Deus.

Por um momento sai dali, não sei explicar, mas sei o que senti ali rezando com os olhos fechados. Parecia ter passado muito tempo, comecei escutar lá no fundo uma batida como se fosse batendo na porta. Escuto 1, 2, 3 e na 4ª batida abri meus olhos e escuto novamente. Olho para o lado e é a médica batendo no janelão e fazendo sinal que os batimentos começavam a baixar. Na mesma hora olhei pra cima e agradei a Deus pela sua resposta.

Passamos uma semana na UTI. Ela teve que fazer cateterismo pra ver se descobríamos o que causou o tac cardíaco. Aos 8 anos de idade ela passou por tudo isso, teve que tomar medicação e tinha ainda uma suposta cirurgia, caso não funcionasse a medicação, mas tínhamos muita fé que não seria necessário .

E realmente não foi, ela parou com a medicação aos 13 anos de idade e sem cirurgia e nem uma restrição médica. Pra nós temos certeza que Deus nos permitiu esta vitória. Somos gratos hoje e sempre por Deus permitir que ela saísse em meus braços do hospital pra casa, sorridente querendo brincar como ela entrou.

Teresinha Alves Pereira Orlowski

Meu nome é Teresinha Alves Pereira Orlowski, tenho 41 anos, sou casada com Hipólito e tenho quatro filhos. O mais velho é o David e tem 22 anos, Davidson, 19 anos, Camila, 16 e a caçula Camili com 15 anos. Eles são a minha vida. Sou natural de Erval Grande, RS. Atualmente moro em Sapucaia do Sul. Há muito tempo ouvia falar muito bem do IFSUL que é uma ótima escola e muito bem vista por todos que já tiveram a oportunidade de estudar nela.

Em um belo dia, eu estava na Face, “para variar”, visualizei a página do IFSUL, onde estava anunciando vagas para o curso de Administração, uma área que eu gosto, mas nunca tive oportunidade em fazer. Era o penúltimo dia de inscrição, corri para o IFSUL e me candidatei para a vaga. Fui selecionada e aqui estou eu, no quarto semestre, com o apoio dos meus amores, que me cobram os estudos: “Mãe, tá na hora de ir para a escola”.

Hoje sei que não é fácil conciliar estudos, casa e principalmente família. Mas sei que tudo na vida tem que ter um esforço. Se hoje voltei a estudar agradeço a Deus, aos meus familiares, colegas e professores que me incentivam a estudar e a seguir em frente.

Vanusa Cristiane Almeida de Quadros Chaves



Como diz o ditado: "Depois da tempestade vem a bonança". E foi assim que depois de muito medo, insegurança, dor e momentos de desespero conheci a verdadeira felicidade.

Quando meu marido e eu decidimos ter um filho, não pensamos em mais nada, somente em completar nossa família, fazer frutificar nosso amor. Logo consegui engravidar e ficamos muito felizes. Com o passar dos meses e a barriga crescendo, comecei a inchar muito, sentir dor de cabeça com frequência. Minha

obstetra alertou que minha pressão estava subindo e indicou que eu verificasse várias vezes no dia.

Mas, no dia 23 de julho, com a pressão bem alta e me sentindo mal, pedi ajuda a minha irmã, pois meu marido estava trabalhando. Ela veio em minha casa prontamente e me levou para o Hospital São Lucas da PUC: fiquei internada e fiz uma cesariana de urgência porque estava tendo uma pré eclampsia. Que medo! Eu já havia perdido meu primeiro filho justamente por esse problema.

Meu marido sempre estava ao meu lado, assistiu ao parto e viu quando nosso mini bebê nasceu. Ele era muito pequeno e pesava apenas 1,030kg. Nosso bebê recebeu o nome de João Pedro, em homenagem ao meu pai João e ao meu marido Pedro.

Foram dois meses internado na UTI neonatal, complicação respiratória porque seus pulmões ainda não esta-

vam prontos para respirar sozinhos. Uma máquina ligada a ele, fios e fios monitoravam aquela pequena vida, tão frágil. Lembro que meu irmão doou sangue para ele e hoje em dia sente-se orgulhoso por isso.

Dias e dias de inseguranças nos acompanharam, eu e meu marido entrávamos de manhã e ficávamos até a noite com ele e quando chegávamos em casa e o telefone tocava, o coração pulava no peito com medo de alguma má notícia.

Os médicos não me davam muita esperança, eram até duros nas palavras, mas eu sempre rezei e pedi a Deus que tomasse conta do meu filhinho, pois independente do que os médicos diziam, a vontade de Deus é que deveria decidir.

E foi graças a Deus que chegou o dia da alta. Com meu pequeno bebê no colo, eu e meu marido fomos aplaudidos por enfermeiros e auxiliares que cuidaram do nosso pequeno JP (como eles o chamaram). Ele é um vencedor. Lutou pela vida incansavelmente e venceu.

Hoje minha família é completa. Meu filho hoje tem 22 anos e é meu amigo, companheiro e colega. Sempre conte comigo meu pequeno, grande e amado filho.

Patrícia Hammes Strelow e Suzana Trevisan

Desde 2013, quando chegam ao quarto semestre do curso Técnico em Administração, modalidade Proeja, os estudantes são desafiados nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura a construírem um texto narrando um episódio significativo de suas vidas. Estes textos são reunidos em um livro, que ao final de cada semestre conta com algumas centenas de volumes impressos e distribuídos gratuitamente para a comunidade escolar, familiares e amigos dos autores, durante uma noite de autógrafos.

Mais do que aprimorar a capacidade de expressão escrita, o projeto Histórias que Merecem Ser Contadas tem o intuito de incentivar o hábito da leitura e também valorizar os saberes e as trajetórias dos estudantes. Ao longo destes sete anos, por meio da observação, do diálogo, da avaliação pedagógica e de processos de autoavaliação, é possível afirmar que o projeto vem contribuindo para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento tanto dos autores quanto dos demais estudantes.

Em uma pesquisa aplicada com participantes por meio de formulário eletrônico, foi possível coletar inclusive dados estatísticos que comprovam esta análise. Por exemplo, 75% dos alunos disseram ter lido alguma história das edições anteriores antes mesmo de ingressarem no quarto semestre. Esse dado comprova que o projeto tem atingido o objetivo de incentivo a leitura.

Também é possível apontar que 85% afirmaram que foi muito prazeroso realizar a leitura das narrativas e que elas contribuíram para a reflexão de aspectos relacionados à vida, à cultura e à sociedade. Além disso, 100% disseram que realizaram as leituras dos textos literários e pensam que elas contribuíram para a sua formação acadêmica e cultural. Através deste instrumento avaliativo também foi possível apontar a relevância do projeto: em uma escala numérica de

1 (irrelevante) a 10 (muito relevante), 55% atribuiu nota 10 e a menor nota atribuída foi 7, com apenas 5%.

Depoimentos também foram registrados: “Eu tenho apenas elogios, desejo que esse projeto tenha vida longa, que nunca acabe, pois é uma experiência que todos que passam pelo IFSul deveriam prestigiar”. Como se vê, na visão dos estudantes, o projeto é uma excelente oportunidade de aprendizagem. Por outro lado, também é necessário estarmos atentos às fragilidades: mesmo que 60% afirmou que melhorou muito em relação à compreensão e ao uso da norma urbana de prestígio, 40% ainda percebe pouca evolução em relação a estes aspectos.

Os dados indicam que a iniciativa está no caminho certo nesta busca pelo desenvolvimento da escrita, pelo incentivo à leitura e pela valorização das histórias de vida de cada indivíduo. Mas os vários anos transcorridos desde a primeira edição do projeto não devem nunca ser interpretados como aval para a mera repetição de uma fórmula.

Nesta edição do Histórias que Merecem ser Contadas 24 autores participaram durante seis meses deste processo. Este é o primeiro volume aprovado pelo Conselho Editorial da Editora do IFSul, o que nós consideramos uma grande conquista. O resultado é a 12ª edição do Histórias que Merecem ser Contadas, apresentada neste volume, na qual muitos objetivos foram plenamente atingidos, enquanto outros ainda podem, e certamente serão, aprimorados.

...a que retornar no 1º semestre de 2013, mas não retornei. Não consegui e fui chegando aqui desembarcaram no porto de Monte Negro que hoje
...ãe olha para as pessoas com uma risadinha sarcástica e abraça o menino e lhe
...o era novo teve a oportunidade de fazer um teste num clube profissional, mas seus Pais ach
...ei ali sentada em um galho esperando meu pai chegar e minha mãe cuidava
...exiei muitas vezes até de comer para finalizar os trabalhos e me encontro s
...minha vida eu tive um relacionamento. Eu tinha 15 Anos comecei namorar com essa pesso
...e então compra um par de alianças, coloca dentro da caixa com os produtos, onde eu teria q
...a infância não foi nada fácil, meus pais eram conservadores e autoritários, el
...ra só mais um "tedel" que ele faria dentro de casa. Era mais uma noite de i
...trás ela conseguiu a tão sonhada liberdade e com apoio dos dois filhos conseguiu o divórci
...ós a formatura, aquela pessoa que mais incentivava a correr atrás dos objetivos, que só tinh
...u grata a estas três mulheres, pelo empenho, carinho, renúncias e amor dada
...çado chegar de madrugada e ver ela me esperando chegar da balada e e
...ram vários motivos, entre eles o trabalho para minha sobrevivência. Hoje, com 48 anos, che
...diagnóstico, assustador e me chamaram para falar com os médicos. Eles disseram: seu ma

Edição acessível: confira os áudios das
histórias, narradas pelos autores, no site:
www.sapucaia.ifsul.edu.br ou pelo QR Code



Realização



Curso Técnico em
Administração



INSTITUTO FEDERAL
Sul-rio-grandense
Câmpus Sapucaia do Sul